

André JORDAN

“Portugal
pode ser o país
da moda”

ENTREVISTA DE JOÃO VIEIRA PEREIRA E CONCEIÇÃO ANTUNES FOTOGRAFIAS DE NUNO BOTELHO

Defende a renovação do sistema político, à semelhança do que o Papa está a fazer na Igreja Católica, com a população a participar de forma ativa na tomada de decisões. Aos 80 anos, o ‘pai da Quinta do Lago’ confessa que nunca quis ser um homem muito rico, mas antes “um ser humano que contribui para a comunidade”



DE VOLTA AO ALGARVE
ANDRÉ JORDAN EM
VILAMOURA, NO CAMPO
DE GOLFE VICTORIA

C

Contra o "terrorismo da troika", o empresário André Jordan defende que é urgente criar um novo sistema de poder, mais participado pela população. Num dia passado na Quinta do Lago, Jordan fala da sua relação com Deus, com o dinheiro e do amor que sempre norteou a sua vida.

É judeu e nasceu na Polónia em 1933, ano em que Hitler subiu ao poder. Isto tem algum significado para si?

Essa coincidência determinou o curso da minha vida. Muitas vezes penso: se não fosse isso, se não houvesse a II Guerra Mundial e eu tivesse ficado na Polónia, como teria sido a minha vida? É uma pergunta que muitas vezes me faço. Certamente, teria sido uma vida muito diferente.

E não existiria a Quinta do Lago.

A grande alegria do trabalho que realizei e que faço é a de dar bem-estar às pessoas, aos meus clientes e colaboradores. E tenho uma vantagem: além de bem-estar, também dou lucro. Quando hoje na Quinta do Lago vêm ter comigo pessoas que não conheço a dizer: "Oh, Mr. Jordan, I want to thank you", sei que, se elas não tivessem vendido a casa pelo dobro ou o triplo do que custou, se calhar não me diziam isso.

O que vê hoje na Quinta do Lago é o que sonhava há 40 anos?

Não sei responder a isso. Como vivo aquilo tão por dentro, fico sem perspetiva. Quando se faz desenvolvimento, a coisa toma vida própria. É extraordinário para mim andar ali pela ponte, ir ao Gigi, ver pessoas

de toda a parte do mundo a usufruir daquele espaço. Com pouca modéstia, posso dizer que poucos empreendimentos com 43 anos conseguem estar mais vigorosos hoje do que quando começaram. A Quinta do Lago continua com uma vida enorme, e um dos segredos é que nós nunca obrigámos a um modelo de casa, deixámos sempre ao critério das pessoas. E tem havido grandes transformações. As casas tradicionais que a alta burguesia queria há 40 anos têm sido derrubadas e construídas de novo, num estilo mais contemporâneo.

Já disse que ver um lote de terreno é como "olhar uma mulher bonita: sempre nos vem à ideia coisas interessantes para fazer com ela". Consegue ver o futuro num pedaço de terra? Há mais Quintas do Lago por descobrir?

Em Portugal criou-se a ideia de que se podia fazer uma Quinta do Lago em qualquer lugar, e está provado que o mercado para esse tipo de empreendimentos é limitado. Na Quinta do Lago quisemos criar

um estilo de convivência informal e despretenhosa. Quando aparecia um sujeito mais espalhafatoso, eu dizia: esse não vai comprar, não se vai sentir bem aqui. E esses não compravam, iam para Marbelhá. Hoje, o que acontece? O mundo fez uma transição para o que Portugal sempre foi, com este estilo discreto, sóbrio, elegante, confortável, que não é de riqueza exuberante. O mundo ficou muito dividido entre um pequeno grupo de trilionários — ladrões, quase todos — e o resto das pessoas. Vendo a atitude das pessoas lá fora, sinto que Portugal pode ser o país da moda. Pelo que realmente é, não pelo que nós não temos. Esta situação pode mesmo salvar o país, e o turismo é o instrumento para isso.

Todos dizem que este ano foi um bom ano para o turismo e que estamos a crescer.

Mas não em receita. O que fizemos foi uma baixa de preços que nos vai arruinar. Quando se vende um quarto de hotel de cinco estrelas que vale 300 ou 400 euros a 80 euros por noite, já estamos a fazer um preço que não interessa. O meu motorista disse-me que ficou num hotel no Algarve por 25 euros. Como é possível? Com estes preços, a situação é dramática. Aparentemente, há melhoras, sobretudo nas zonas mais turísticas, mas nós temos tido um turismo baratíssimo. E não é o turista que anda pelas ruas da Baixa lisboeta admirando as lojas arcaicas que resolve o problema. Se não fizermos promoção para reforçar a procura de qualidade, ficamos sempre num nível baixo. Por isso era fundamental pôr Portugal na moda. **Como é que a promoção do país pode envolver os empresários?**

Propus, e foi bem aceite, que criássemos uma marca para fazermos a promoção em conjunto. Porque nenhum de nós tem volume individualmente, nem os supostamente grandes — aliás, no grupo Espírito Santo, os hotéis estão todos à venda. Também propus consórcios de gestão, porque a maioria dos hotéis no país são muito pequenos, não conseguem economias de escala. Podemos até ter code-share com grupos hoteleiros internacionais, tal como fazem as companhias aéreas.

O AMIGO GIGI

ANDRÉ JORDAN COM GIGI (BERNARDO REINO) E A MULHER DESTE, LEONOR, NO RESTAURANTE GIGI, FAMOSO PELO PEIXE. "ESTÁ POR AVALIAR O IMPACTO DO GIGI NO PREÇO DO METRO QUADRADO DA QUINTA DO LAGO", FRISA JORDAN



HOJE HÁ
MUITO DINHEIRO
NO MUNDO
CONCENTRADO EM
POUCAS PESSOAS.
A MÉDIO PRAZO,
ISSO ESTARÁ EM
EXTINÇÃO

Também defende que Portugal deve ser um paraíso para os reformados do Norte da Europa?

Com certeza. E agora há um fenómeno novo, os franceses prósperos estão a vir para cá e a comprar casa, por causa das medidas restritivas de François Hollande, mas também por identificarem Portugal como um lugar civilizado para poderem viver.

E como está a situação do imobiliário em Portugal?

Não há imobiliário em Portugal, 80% da população já tem casa própria. O imobiliário português tem de ser internacionalizado, o país deve fazer parte do mercado global, não pode ser visto como um mercado exótico. E isso também depende da promoção.

Mas os bancos têm feito feiras, em Paris e em Londres, para vender o excesso dos ativos imobiliários.



E também aí está a funcionar a baixa de preços. Os bancos estão a vender a metade do preço real, o que é sabotar o mercado. Mas eu sou a favor dessas ações, porque esses ativos têm de ser absorvidos de alguma forma. Já não vamos ter um boom imobiliário em Portugal por algumas décadas.

Como vê o rumo que Portugal está a tomar?

O ajustamento económico no país deve ser feito em função de um programa sério da reforma do Estado e não com cortes nas pensões dos reformados. Essa é uma das barbaridades que se cometeu em Portugal, tirar dinheiro às pessoas que, até pela idade, não têm outra forma de repor esses recursos de que precisam para sobreviver e manter a sua vida. As pensões já adquiridas são invioláveis, principalmente as reformas mais baixas. **Que solução propõe?**

Propus há uns anos, num debate, que a dívida pública fosse reescalada a 50 anos sem juros, como já se fez na América Latina. Agora, depois do terrorismo da troika, esta proposta da dívida a longo prazo vem de economistas com a credibilidade de Daniel Bessa, Miguel Belez, João Cravinho ou Álvaro Santos Pereira. Até Paul de Grawe já disse que nós, países com dívida, cometemos o grande erro de não nos unirmos e termos uma política comum face aos países ricos. Ele diz, e eu concordo, que a Comissão Europeia e o Banco Central Europeu são cobradores de crédito, isto é, estão a trabalhar para os bancos, não para nós. E os bancos têm tanta responsabilidade na situação como quem recebeu os créditos.

Como deverá ser então o programa de ajustamento?

O apoio financeiro a Portugal tem de estar diretamente vinculado a

um programa claro de reforma do Estado, definido ponto por ponto e calendarizado. Se demorar dez anos a fazer, que demore. Tem de ser um programa realista, não esta declaração de intenções que sai todos os dias nos jornais. É lamentável que não haja um trabalho sério em termos de reforma do Estado. É aqui que a queda do défice deve estar vinculada, não aos cortes nas pensões. Não é justo. As pessoas têm a sua vida organizada em torno da reforma e não conhecem nenhum reformado a quem sobre dinheiro. Se a única solução que temos é fazer uma eutanásia financeira aos nossos velhos, então estamos muito mal.

Mas o modelo não está a ser questionado na Europa?

O Estado social é a maior conquista da civilização europeia. Esta capacidade que os europeus tiveram de acabar com a pobreza e a miséria é

um feito como nunca aconteceu antes na Humanidade. Os suecos reformaram o Estado social, não acabaram com ele. Margaret Thatcher, quando privatizou a economia britânica, não tocou na saúde nem na segurança social. Acabar com o Estado social é um erro brutal, até por causa da economia. Se transformarmos as pessoas apoiadas em pobres oficiais, isso vai afetar negativamente a economia. Todos precisam de reforma, e é natural que os que têm mais subsidiem os que têm menos. Na saúde, por exemplo, quem tem mais deve pagar mais, quem tem menos paga menos, quem não tem nada não paga nada. Não podemos é acabar com isso, seria um retrocesso civilizacional irreparável. Também não podemos dar poder a pessoas que têm a desumanidade de defender isso e acham que ser ultraliberal é chique. Não é que eu seja propriamente socialista, mas



social-democrata sou com certeza. E defendo que tudo deve ser privatizado, o Estado não deve ter nenhum negócio, nem bancos nem coisa nenhuma.

Nem a Caixa Geral de Depósitos?

Nada. Mas sou muito a favor do Estado social para proteger a população, essa sempre foi a minha consciência. Não me sinto bem por ter e os outros morrerem de fome. E neste momento está a acontecer isso. Há no mundo uma concentração de muito dinheiro em poucas pessoas, basta ver a lista de milionários da "Forbes" ou da Bloomberg — o que, a médio prazo, penso que estará em vias de extinção. Os mais poderosos financeiramente vão ter de ir abrindo mão face a estas diferenças tão profundas. Também acho que, nessa confusão a que chegou a Europa, ficou combinado dizer que Portugal vai bem. Dizemos que somos o bom

aluno e todos concordam, mas sabemos que não é verdade.

Não acha que Portugal vai bem?

Vai mal, porque não há formação de capital, o que é um erro grave. Se houver estímulos adequados e contrapartidas fiscais e financeiras, o capital vai aparecer. A grande crise financeira internacional foi um contágio que pode ser comparado à gripe espanhola, porque alastrou pelo mundo inteiro e afetou quase todos os países. E há uma competição malsã entre, não muitos, mas dez a quinze grandes operadores de *hedge funds* [fundos de alto risco] que gostam de dizer que lixaram um país mais do que os outros. É uma brincadeira entre eles dizer: "Hoje vou lixar Portugal." São sujeitos que valem milhões e brincam a destruir empresas e países, porque não são controlados.

Que papel pode ter a reforma do Estado em Portugal?

Tem de haver grandes mudanças estruturais no Estado, porque estas estruturas já não estão adequadas ao que acontece hoje no mundo. Infelizmente, os partidos entraram no mau caminho, manipulados por determinados grupos e contra a vontade popular. Gostei muito de ver as recentes alianças interpartidárias, porque elas esbatem um pouco esse poder da máquina dos partidos. O PSD, o PS e o CDS não têm diferenças reais na sua visão do país. Inventam diferenças para justificar a sua existência. Na verdade, nem o PCP tem um programa diferente dos outros partidos para Portugal. E isto não pode continuar a ser um feudo dos políticos. **É só em Portugal que as pessoas já não se identificam com os partidos?**

O sistema no mundo inteiro está a ser questionado, tanto a nível político como empresarial. Hoje, qual-

quer pessoa pode liderar o descontentamento geral e causar uma ruptura — e veja-se o que aconteceu no Egito, em que um só homem fez a revolução. Porque o povo sente-se alienado do processo de gestão e de decisão. Nós hoje estamos a viver, pelo facto de os Governos não responderem às necessidades da população, um processo de contestação que é contínuo. Este é também um processo que não segue qualquer estrutura ou programa: as pessoas juntam-se espontaneamente para protestar, para reclamar, para exigir mudanças. **E como se pode evitar esta crescente contestação?**

É absolutamente imprescindível que, através do sistema democrático — dos votos —, se possa chamar o povo para dentro do sistema. É preciso dar voz formal ao povo. Senão, aí sim, vai ficar incontável. A Igreja Católica, que é a institui-



O TRABALHADOR MAIS ANTIGO

ANTÔNIO HENRIQUES DA SILVA RECORDA QUE EM 1973 AVISOU JORDAN DE QUE AS VENDAS DA QUINTA DO LAGO ESTAVAM A ZERO. "DUPLIQUEM OS PREÇOS", DISSE O EMPRESÁRIO. "PENSEI QUE O PATRÃO ESTAVA MALUCO, MAS LOGO A SEGUIR VENDEMOS 13 LOTES. É UM VISIONÁRIO"

ção mundial mais autocrática a nível mundial e sobreviveu dois mil anos de história sendo assim, elegeu um Papa sabendo que ele ia mudar e renovar o sistema. Em Portugal, seria preciso mudar o sistema eleitoral para termos, como na Alemanha, metade do Parlamento eleito nominalmente, com o eleitorado a votar diretamente no candidato. Ninguém hoje em Portugal sabe quem são os seus deputados, porque se vota numa lista. Isto não pode continuar assim, o eleitorado tem de ter uma relação mais direta e votar no candidato da sua circunscrição. Devíamos também estudar com interesse o sistema referendário suíço, em que as populações votam tudo.

Isso não pode levar o país a ficar refém e a não avançar?

Os temas a levar a referendo têm de ser escolhidos com critério. Mas é urgente combater a aliena-

ção do eleitorado, do povo, em relação ao Governo e à estrutura do poder. A necessidade de incorporar a população nas decisões é de crucial importância para evitar a dissolução do sistema e o aumento crescente da contestação. Portugal tem condições muito especiais para ser aqui um exemplo e mudar o sistema: é um país pequeno e sem grandes diferenças sociais, pois só tem duas ou três grandes fortunas. Pode-se criar um processo em que a população efetivamente participa. E o mesmo deveria ocorrer ao nível das empresas.

Como se pode aplicar esse novo modelo nas empresas?

Os subsídios aos trabalhadores, por exemplo, podem passar a assumir a forma de distribuição de lucros. O subsídio de Natal é de manter como está, mas o subsídio de férias já devia assumir a forma de distribuição de lucros. Porque envolve os trabalhadores de forma direta na lucratividade da empresa e transforma-os em vigilantes do comportamento da gestão. Na Alemanha, há empresas cotadas em Bolsa que têm um conselho superior de que os trabalhadores fazem parte.

É empresário há muitos anos em Portugal. A Constituição foi alguma vez um entrave para si?

Não, essa é outra balela. Para já, ninguém liga à Constituição. E não se justifica haver um Tribunal Constitucional, é um quinto poder em Portugal e que distrai muito o país. É um fator de perturbação do funcionamento do sistema. Ainda por cima, é nomeado politicamente, o que é uma contradição. Acho que o Supremo Tribunal de Justiça tem perfeitas condições para julgar a constitucionalidade de todas as leis e medidas, não é preciso haver um tribunal à parte.

Na sua perspetiva, como está a evoluir a economia na Europa?

Por mais que algumas pessoas não gostem, ou não queiram admitir, o futuro económico da Europa está centrado sobretudo na cultura, nas artes, nos produtos de luxo e no supérfluo. Ninguém reparou que o homem mais rico de França e o segundo maior da Europa é Bernard Arnault, que controla a Louis Vuitton Moët Hennessy [LVMH], a maior empresa de artigos de luxo do mun-

do. Isto por vender champanhe ou carteiras de senhora a preços completamente fora de sentido. É um sinal muito importante para perceber o que está a acontecer na Europa. A Europa pode ter empresas de ponta em várias áreas, mas na verdade depende hoje da indústria da cultura, da moda e do luxo. Para vender aos novos-ricos e rezar que eles continuem ricos.

Não é um modelo de criação de valor de que a Europa se possa orgulhar.

Não concordo. Se a Europa conseguiu transformar o seu gosto pela arte, pela cultura e pelo supérfluo em riqueza, eu acho que se pode orgulhar. Veja-se como o turismo associado à cultura é a indústria mais importante em todos os países europeus. A Holanda reformou o Museu Van Gogh, em Inglaterra o turismo subiu agora 6%, com a família real a valer 500 milhões de libras por ano

em receitas diretas geradas. Quando vim viver para Portugal, em 1969, o grande debate era a americanização da Europa. Jean-Jacques Servan-Schreiber, jornalista e político parisiense, vinha de publicar o best-seller "Le Défi Americain", no qual previa que a economia europeia seria ocupada pelos grandes conglomerados dos Estados Unidos. Como se veio a comprovar, aconteceu o contrário. Aprendemos na Europa a utilizar a eficiência americana, e já este ano a Fiat acabou de comprar a Chrysler. Não há dúvida que parte das fortunas na Europa vêm da abertura de novos mercados no Oriente, essencialmente da China. Mas o que dá o 'toque' é a origem europeia. Aliás, costume dizer a brincar que enquanto a Orquestra Sinfónica de Tóquio tocar Beethoven, a Europa safa-se. Como defendo, no caso dos quadros do pintor Miró, uma fórmula que possa proporcionar o melhor aproveitamento para Portugal deste acervo.

Acha que essas obras devem ficar em Portugal?

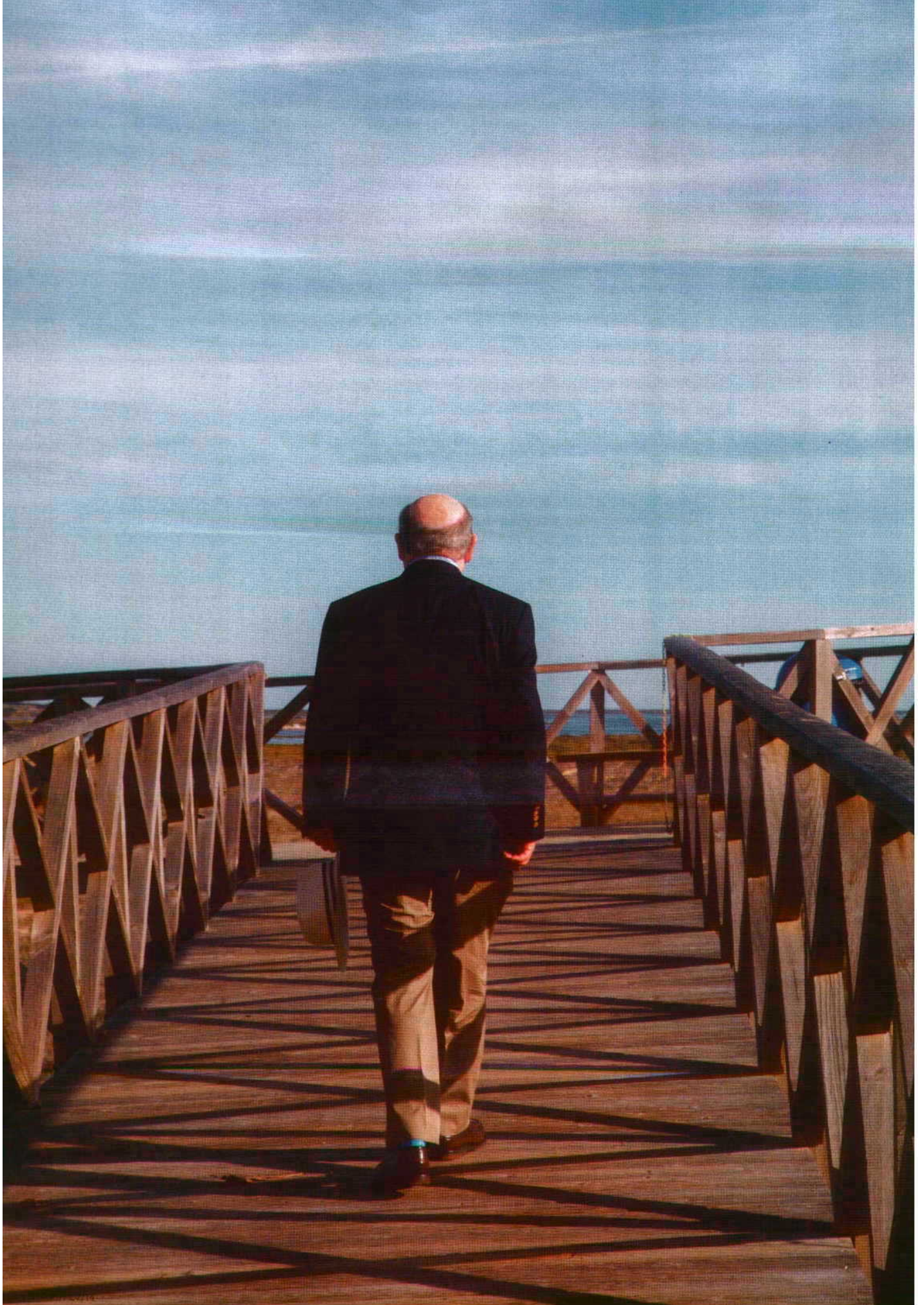
Já que este conjunto está pago, dever-se-iam selecionar os melhores quadros e distribuí-los pelos museus de arte contemporânea em Portugal, em forma de empréstimo de longa duração — o que serviria para, indiretamente, compensar as drásticas reduções de apoio financeiro que têm ocorrido. Os demais quadros poderiam ser leiloados aos poucos ou utilizados para trocas com instituições estrangeiras, preenchendo assim lacunas nas nossas coleções.

Pessoalmente, como é a sua relação com o dinheiro?

Eu nunca tive interesse em ser muito rico, porque sempre entendi que a vida de um homem que se dedica a acumular dinheiro é muito estéril. E essa vida eu não queria para mim. Eu sempre quis ter a liberdade da pessoa que consegue remunerar a sua criatividade sem ser o maior entre os ricos. Mas admiro os ricos, por serem pessoas que foram capazes de construir fortunas. **E não se considera uma dessas pessoas?**

Talvez me devesse considerar mas não me sinto nesse papel, vejo-me de outra maneira. Nunca tive necessidade de sentir poder através

NÃO É QUE
EU SEJA PROPRIAMENTE
SOCIALISTA,
MAS SOCIAL-DEMOCRATA
SOU COM CERTEZA. O ESTADO
SOCIAL É A MAIOR CONQUISTA
DA CIVILIZAÇÃO EUROPEIA



do dinheiro. É talvez pretensão minha, mas prefiro ser visto como um ser humano que contribui para a comunidade. E na verdade, em relação aos verdadeiramente ricos, eu não tenho muito dinheiro, não estou nesse campeonato. Mas estou bem de vida. Como já passei por muitos sustos, sobretudo no tempo do meu pai, que era um homem muito criativo, impulsivo e um bocado desorganizado, sinto necessidade de ter alguma segurança, também a pensar nos meus filhos. Tenho esta relação de respeito pelo dinheiro. Por outro lado, sempre achei fascinante a mentalidade dos forreiros.

Acha os forreiros fascinantes?

Fascinantes nas manobras que fazem para não gastar, para poupar — e há muitos em Portugal. O que tem um antecedente histórico interessante: a aristocracia portuguesa era pobre, preguiçosa e rural. E eram forreiros, porque não tinham dinheiro. Então, a burguesia também achava chique ser forreiro, para imitar os aristocratas. Os poderosos portugueses, de certa forma, têm sido precursores ao longo dos tempos de um certo estilo que eu acho que vai prevalecer.

No seu dia a dia, gosta de cultivar a elegância?

A minha origem é muito curiosa, desse ponto de vista social. O meu pai veio de uma família tradicional polaca, e o meu bisavô tinha sido um dos pioneiros da indústria de petróleo no mundo. A minha mãe era filha de um comerciante de tecidos de Varsóvia. Os meus pais eram, tanto um como o outro, pessoas muito sofisticadas, e aparentemente o seu *background* não justificava esse refinamento. O meu pai, por exemplo, que era do interior da Polónia, sabia mais de protocolo do que os embaixadores. Aliás, essa foi uma das coisas mais dispensáveis que eu herdei, porque hoje ninguém liga nenhuma a essas formalidades. Mas realmente eu sempre soube o que era a vida boa e sofisticada.

É religioso? Qual a sua ligação a Deus?

Nasci judeu, mas fui batizado, talvez porque os meus pais estavam na Polónia num momento perigoso e aderiram à religião católica

por razões de sobrevivência. Apesar de o meu avô materno, um reputado comerciante e líder da comunidade judaica de Varsóvia, ter mandado as filhas estudar num colégio católico para elas não terem uma visão sectária do mundo. Eu fui educado no Brasil, um país estritamente católico, e nem sabia o que eram os judeus. Andei num colégio dominicano em Copacabana, e como era um pouco traquinas havia um padre que gostava de falar comigo quando ficava de castigo, o padre Agostinho. Ao longo da minha vida senti sempre obrigações morais, a preocupação em ser reto e justo, em ajudar os outros, e acredito ter sido o padre Agostinho que me meteu esses conceitos na cabeça quando eu tinha 7 anos. Mas chegou uma altura, na adolescência, em que esqueci o catolicismo e me afastei da Igreja, apesar de os valores terem ficado comigo.

Quando é que lhe despertou mais a consciência de ser judeu?

Desde que vi pela televisão as imagens da Guerra dos Seis Dias em Israel. Veio ao cimo a minha origem judaica e desatei a chorar. Tinha então 27 anos e vivia em Buenos Aires.

**A VIDA DE UM
HOMEM QUE SE DE-
DICA A ACUMULAR
DINHEIRO É MUITO
ESTÉRIL. ESSA VI-
DA EU NÃO QUERIA
PARA MIM**

Mas, nessas questões de árabes e judeus, é preciso perceber que muito do que acontece na política mundial é manipulado por outras forças, interesses económicos ligados ao petróleo, e os povos deixam-se manipular. Tenho amigos tanto palestinos como judeus de Jerusalém que dizem que sempre conviveram muito bem entre eles. Essa guerra não tem mesmo razão de ser.

Viveu muito tempo no Brasil, mas ao fim de tantos anos em Portugal sente-se mais brasileiro ou português?

Digo sempre que o Brasil é a minha pátria e Portugal a minha casa. Convivo bem com essa dicotomia. Dos meus quatro filhos, tenho um filho e uma filha nascidos em Portugal, e os meus oito netos e netas nasceram todos aqui. E é aqui que vou ficar quando acabar o meu tempo.

Vai continuar a trabalhar?

Não conheço outra vida. Há dias em que não dá vontade de continuar, com tudo o que está a acontecer. O nosso grupo é pequeno, mas faz grandes empreendimentos, e penso que temos de contribuir para ajudar o país a sair dessa conjuntura tão negativa. Vale a pena, e eu gosto muito de Portugal e dos portugueses.

Aos 80 anos, tendo sobrevivido ao Holocausto e com tudo o que passou, consegue ser um homem feliz, perceber o sentido da vida?

Para mim, a felicidade maior da vida está no amor. Amor, no sentido lato da palavra, que também é amizade, comunicação, fazer o bem e ajudar os outros. E sempre gostei muito das mulheres, não necessariamente no sentido de envolvimento amoroso. Não quero parecer chauvinista com isto, mas penso que em qualquer homem há sempre uma corrente amorosa em relação às mulheres, mesmo quando não há sequer a troca de um beijo. Com toda a minha experiência de vida, acredito que há mais pessoas boas do que más e que os egoístas não são felizes. As guerras e os conflitos armados não fazem qualquer sentido, e o que mais me continua a intrigar na Humanidade é as pessoas quererem matar-se umas às outras. Para mim, esse é o maior mistério de todos. ●

jpereira@expresso.impresa.pt

“A Quinta do Lago foi feita sem dinheiro”

A Quinta do Lago, um dos empreendimentos imobiliários mais prestigiados do mundo, onde as casas continuam a valorizar-se, é uma obra que André Jordan desenvolveu nos anos 70 na Quinta dos Descabeçados, no Algarve, onde não havia nada. “A Quinta do Lago foi feita sem dinheiro. Tínhamos de inventar recursos, na altura não havia bancos de investimento, era difícil montar um projeto”, conta. “Tinha alguns contactos do meu pai, em França e em Inglaterra, e em 1969 comecei a visitar essas pessoas. Olhavam para mim e pensavam: coitado deste rapaz maluquinho! Mal sabiam onde era Portugal e nunca tinham ouvido falar do Algarve. O negócio imobiliário não existia em lugar nenhum.” Mas André Jordan acabou por arranjar um investidor: o conde francês Roland de la Poype, antigo piloto da esquadrilha francesa, que ajudou a defender a Rússia do ataque nazi e foi declarado herói na União Soviética. “Eu não o conhecia. Contratámos tudo por telefone. Fui ter com ele a Madrid em 1971. Estava um calor que era uma loucura.” La Poype deu-lhe 250 mil dólares, “muito dinheiro” para a época. “Estávamos a conversar no quarto do hotel e ele apontou para um pacote cheio de notas e disse: ‘É seu’”, lembra Jordan. “Na época havia um controlo de câmbio muito severo, e eu disse-lhe: ‘Não posso levar isto, senão vou preso.’ Ele respondeu: ‘Se não quer, deixe aí.’” Jordan viu-se obrigado a comprar uma grande mala de viagem em Madrid para transportar os maços de notas para Portugal. “Com o dinheiro que ele me deu, eu dei o sinal ao Pinto de Magalhães e consegui que ele me deixasse desenvolver a Quinta do Lago pagando com as vendas”, recorda.